

Línguas Hoje?

por

O. Palmer Robertson

A questão das 'línguas' na igreja, hoje, continua a ser uma fonte de vasta diferença de opinião. Algumas pessoas se revelam por demais entusiastas. Outras estão plenamente certas de que o fenômeno corrente representa a obra de Satanás no seio da igreja. Muitos crentes evangélicos simplesmente não sabem o que pensar ou de que forma responder.

Que posição tomamos entre essas diversas opiniões? Simplesmente não podemos negar que algo chamado 'falar línguas' esteja ocorrendo na igreja hoje. O que fazer, pois, para alcançarmos uma conclusão sadia sobre sua relevância?

Indubitavelmente, através do estudo da Escritura. Não há dúvida de que é importante ser sensível às experiências religiosas de muitas pessoas. Em última análise, porém, toda e qualquer experiência religiosa deve passar por um teste objetivo da Escritura. O maior favor que se pode fazer aos amigos cristãos é convidá-los a que passem suas experiências pelo crivo da Escritura, pois "O ferro afia-se com o ferro; assim o homem afia o semblante de seu amigo" (Provérbios 27.17).

A possibilidade de se fazer um 'exame imparcial' do tema das línguas na Escritura pode ser vista com ares céticos, à luz do volume de material já disponível sobre o tema. Devemos, porém, esforçar-nos por fazer uma reavaliação exegetica.

No Novo Testamento, só dois livros fazem menção do fenômeno das línguas, excluindo a conclusão mais longa de Marcos. No Velho Testamento, porém, três diferentes autores antecipam o fenômeno neotestamentário das línguas. Considerados juntos, quatro diferentes aspectos das línguas emergem dessas Escrituras do velho e do novo pacto, os quais indicam a mesma conclusão: as línguas que agora se manifestam na igreja são algo distinto das línguas antecipadas na profecia do Velho Testamento e concretizadas na experiência do Novo Testamento. Esses quatro elementos são assim expressos:

1. As línguas no Novo Testamento eram revelacionais;
2. As línguas no Novo Testamento eram idiomas estrangeiros.
3. As línguas no Novo Testamento eram para uso público.
4. As línguas no Novo Testamento eram um sinal indicando uma mudança radical na direção da história redentiva.

Consideremos cada um desses aspectos das línguas bíblicas, pois eles podem contribuir para uma compreensão do fenômeno moderno.

1. AS LÍNGUAS NO NOVO TESTAMENTO ERAM REVELACIONAIS

Se considerações exegéticas levam à conclusão de que as línguas no Novo Testamento eram de caráter revelacional, segue-se que, a menos que uma pessoa esteja disposta a admitir a continuidade da revelação além das Escrituras, as línguas que se manifestam hoje não podem ser tidas como sendo as mesmas existentes no Novo Testamento. Diversas considerações apontam para esta conclusão, sendo a primeira delas o uso do termo ‘mistério’ em 1 Coríntios 14 e no restante do Novo Testamento.

Em 1 Coríntios 14.2, Paulo diz: “Porque o que tala em língua não fala aos homens, mas a Deus; pois ninguém o entende; porque em espírito tala mistério”. Este termo, ‘mistério’, no Novo Testamento, contém um significado muito específico, o qual, inerentemente, inclui a idéia de comunicação da revelação divina. Como já foi observado, um ‘mistério’, no Novo Testamento, é uma verdade sobre o método divino de efetuar a redenção que outrora esteve oculta, *mas agora foi revelada*. Em sua própria essência, um ‘mistério’, no Novo Testamento, é um fenômeno revelacional. Tal conclusão é apoiada, virtualmente, pelo próprio uso do termo ‘mistério’ no Novo Testamento.

O termo ‘mistério’ ocorre aproximadamente vinte e oito vezes no Novo Testamento. A consistência do significado mantido na Escritura é algo notável:

Mateus 13.11. Jesus diz: “Porque a vós é *dado conhecer* os mistérios do reino dos céus”. Esses “mistérios” não mais são ocultos dos discípulos de Jesus. Os mistérios do reino são verdades reveladas, e não [verdades] ocultas.

Romanos 11.25. Paulo explica: “Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério”. O “mistério” acerca de Israel não mais seria uma matéria de ignorância, pois a verdade do “mistério” se revelou.

Romanos 16.25-26. A pregação de Paulo era “conforme a *revelação do mistério* guardado em silêncio desde os tempos eternos, *mas agora manifesto*. Paulo pode pregar com confiança, porque o “mistério” do evangelho agora se revelou.

Ao iniciar sua carta aos Coríntios, Paulo explica: “Anunciando-vos o *testemunho [mistério]* de Deus” (1 Coríntios 2.1). Não era um enigma o que ele proclamava. Ele declarava publicamente algo que precisa ser entendido. Paulo continua na mesma direção, observando que os ministros cristãos falam a sabedoria de Deus em mistério, o qual estivera oculto, mas agora pode ser publicamente proclamado (1 Coríntios 2.7). Por isso é que os homens devem respeitar os ministros cristãos como *despenseiros* dos mistérios de Deus (1 Coríntios 4.7). Já que, como despenseiros, estão administrando os mistérios, os ‘mistérios’ são agora entendidos.

1 Coríntios 13.2. Paulo propõe o caso hipotético de que poderia vir a “conhecer todos os mistérios”: e em 1 Coríntios 15.51 ele declara: “Eis aqui vos digo um mistério”. Ao longo de sua carta aos Coríntios, um ‘mistério’ surge como um elemento da verdade redentiva de Deus, que agora se fez conhecida.

Essa compreensão do “mistério” continua ao longo dos escritos de Paulo.

Em Efésios 1. 9. “*fazendo-nos conhecer* o mistério de sua vontade”. Foi “pela revelação” que “foi manifestado o mistério” a Paulo (Efésios 3). Ele deseja que os efésios *percebam* “a minha compreensão do mistério de Cristo” (Efésios 3.4). Sua intenção é esclarecer a todos “qual seja a dispensação do mistério que desde os séculos esteve oculto em Deus” (Efésios 3.9). A união com Cristo é “grande mistério”, mas agora ele o está fazendo conhecido a eles. Os efésios devem orar para que “me seja dada a palavra, no abrir da minha boca, para, com intrepidez, *fazer conhecido* o mistério do evangelho” (Efésios 6.19-20).

Por toda a carta aos Colossenses prevalece a mesma significação para o termo.

Em *Colossenses 1.25-26*, Paulo declara: “a fim de cumprir a palavra de Deus, o mistério que esteve oculto dos séculos, e das gerações: mas agora foi *manifesto* aos seus santos”. Ele pode fazer conhecido o evangelho só porque Deus “quis *fazer conhecer* quais são as riquezas da glória deste mistério” (Colossenses 1.27). Paulo se esforçava “para o *pleno conhecimento* do mistério de Deus – Cristo” (C1 2.2). Com esse propósito, ele lhes solicita a que “orando ao mesmo tempo também por nós, para que Deus nos abra uma porta à palavra, a fim de *proclamarmos* o mistério de Cristo” (Colossenses 4.3).

2 Tessalonicenses 2.7 é algo que foge um pouco desse padrão. A referência é ao “mistério da iniquidade que já opera”, que ainda não está resolvido. Mas, em *1 Timóteo 3.9*, Paulo explica que os diáconos devem guardar “o mistério da fé numa consciência pura”. Em *1 Timóteo 3.16*, Paulo reconhece que “grande é o mistério da piedade”. Mas então ele prossegue, explicando esse mistério como que consistindo da verdade que agora se fez conhecida, a saber: “Deus se *manifestou* em carne, foi *justificado* em espírito, *visto* dos anjos, *pregado* entre os gentios, *crido* no mundo e *recebido* na glória”. Seu enfoque consiste em que o mistério, outrora oculto, agora se fez conhecido.

Finalmente, no livro de *Apocalipse*, o “mistério das sete estrelas” é explicado. As sete estrelas são as sete igrejas (Apocalipse 1.20). João, subseqüentemente, revela que “o mistério de Deus” será cumprido “como anunciou aos seus servos, os profetas”. De forma similar, Babilônia é o ‘mistério’ que o anjo intérprete ‘explicará’ (Apocalipse 17.5-7).

O termo ‘mistério’ é usado vinte e oito vezes no Novo Testamento. Se descartarmos por um instante a ocorrência em *1 Coríntios 14*, presentemente em consideração, vinte e sete casos falam do ‘mistério’ como sendo algo que outrora esteve oculto, *mas que agora foi revelado*. O cristianismo enfaticamente não é uma religião de mistério. Ele se põe em drástico contraste com numerosas outras religiões edificadas sobre códigos de segredo. A meta do cristianismo é que tudo seja amplamente aberto. O Deus do cristianismo não tem nada para ocultar. Ele manifesta publicamente sua verdade ao mundo da mesma forma em que envia luz para dispersar as trevas.

Neste contexto mais amplo, a referência a um ‘mistério’ em *1 Coríntios 14.2* pode ser apropriadamente entendida. “O que fala em língua... *fala mistérios*”, diz Paulo. Ao falar um ‘mistério’, ele não oculta a verdade. Aliás, ele comunica a verdade que

se lhe fez conhecida por divina revelação. As línguas foram instrumento para comunicar a revelação. Elas foram um meio pelo qual Deus descortinou a verdade redentiva outrora oculta, mas agora revelada. Essa interpretação do termo ‘mistério’, em 1 Coríntios 14.2, pode parecer contraditória à primeira vista, à luz do restante do versículo. Pois Paulo diz: “O que fala em língua não fala aos homens, mas a Deus: pois *ninguém o entende*, porque em espírito fala mistérios” (1 Coríntios 14.2). Como é possível fazer bom sentido que uma mensagem expressa em línguas é revelacional se ela não é entendida?

Poderia fazer bom sentido se as ‘línguas’ descritas ao longo da Escritura forem idiomas estrangeiros. Se ‘línguas’ são ‘idiomas’ estrangeiros para quem fala, os quais não podem ser conhecidos do auditório, então o sentido – “o que fala em língua não fala aos homens, e, sim, a Deus, visto que ninguém o entende” (1 Coríntios 14.2) – seria perfeitamente justificável. Ele fala como instrumento da revelação, mas o idioma de sua revelação não é entendido sem que seja traduzido. Neste respeito, a situação em Corinto pode ser contrastada com a circunstância singular em Jerusalém, no primeiro dia do falar em línguas. No dia de Pentecostes, todos os diversos idiomas do mundo foram apresentados tanto pelos ouvintes como pelos que falavam. Porquanto todos ouviam em sua própria língua nativa as obras portentosas de Deus. Mas em Corinto não é provável que todos os idiomas do mundo estivessem representados. Em decorrência disso, ninguém entenderia o orador, ainda quando declarasse a verdade de Deus que lhe vinha por revelação. Um ‘mistério’ estava sendo revelado na alocação daquele que falava línguas, mas, visto que ninguém estava familiarizado com a língua que ele falava, sua revelação não era entendida.

Seja o que for, o uso do termo ‘mistério’, quando se relaciona a ‘línguas’, claramente indica que as línguas eram de caráter revelacional em sua natureza. Por meio do dom de línguas, um ‘mistério’ concernente ao método redentivo de Deus era ‘revelado’ ao povo de Deus do novo pacto. O caráter revelacional das línguas é ainda mais confirmado pelas palavras adicionais e explicativas de Paulo:

“O que fala em língua edifica-se a si mesmo, mas o que profetiza edifica a igreja. Ora, quero que todos vós faleis em línguas, mas muito mais que profetizeis, pois quem profetiza é maior do que aquele que fala em línguas, a não ser que também interprete para que a igreja receba edificação” (1 Coríntios 14:4-5).

De acordo com a última frase da citação supra, as línguas interpretadas são equivalentes a profecia. A mensagem comunicada através de uma língua é expressa no nível de profecia divinamente inspirada, uma vez que a língua tenha sido interpretada. Se a profecia é um dom revelacional (como a evidência bíblica de ambos os Testamentos, Velho e Novo, parece apoiar), e as línguas interpretadas são equivalentes a profecia, então as línguas também devem ser entendidas como um dom revelacional.

Para que se entenda mais plenamente o enfoque de Paulo acerca da relação de línguas e profecia na vida da igreja, deve-se formular as seguintes perguntas: como as palavras edificam? Exatamente como o dom verbal da profecia ‘edificava’? Acaso foram as sensações criadas pela voz do profeta que edificavam? Foram as vibrações

físicas penetradas nos ouvidos dos ouvintes edificavam? Ou era a emoção experimentada pelo próprio profeta que de algum modo tinha o efeito de edificar os ouvintes?

Não! Não eram as sensações auriculares em si mesmas que edificavam os crentes fazendo sua fé mais santa. O que edificava era a *compreensão* da verdade de Deus comunicada por meio de uma revelação através do profeta. Pela comunicação da verdade que podia ser entendida e crida é que os ouvintes eram edificados em sua fé.

De uma maneira similar, as línguas que eram interpretadas para que o povo pudesse entender a revelação se faziam equivalentes a profecia como instrumento de edificação. Sem interpretação, a simples observação de alguém falando em uma língua não tinha qualquer efeito edificante sobre o espectador. Uma vez, porém, que a mensagem expressa numa língua era interpretada para o auditório, a edificação podia ocorrer entre eles como havia ocorrido ao orador. Porque as línguas interpretadas eram equivalentes a profecia em seu poder edificante. Unia vez interpretada, a mensagem expressa numa 'língua' transformava-se na própria voz de Deus para o povo.

Mas é preciso formular uma pergunta adicional. De que forma essas línguas tinham o efeito de edificar o *orador*? Paulo afirma com clareza: "O que fala em língua edifica-se a si mesmo" (1 Coríntios 14.4). Mas o quê no ato de falar numa língua causa a edificação? Era a vibração física associada ao fenômeno de falar em línguas que edificava o orador? Era a emoção acompanhando a experiência? As línguas, como a profecia, eram um dom verbal, e os dons verbais edificam comunicando entendimento. A edificação através do exercício de um dom verbal não ocorre pela vibração física das cavidades orais. Não ocorre através das excitações não-rationais das emoções. A edificação através do dom verbal ocorre, aliás, pela ação de o orador entender e crer na verdade que ele expressa. De outro modo, não há edificação.

Qualquer um que ensine ou pregue a Palavra de Deus entende este princípio rudimentar sobre edificação espiritual. O pregador sabe plenamente bem que ele não é edificado pelo mero exercício de seu dom para a pregação. Ele deve entender e crer no que ele diz, caso a edificação deve ocorrer com ele mesmo.

Se esse não fosse o caso, um conceito totalmente diferente da maneira como a edificação ocorre teria que ser considerado. Pois se o Espírito pode simplesmente usar o exercício de um dom verbal para a edificação do orador sem a compreensão do que ele diz, então o mesmo efeito poderia ser experimentado pelos ouvintes tanto quanto o orador. Se aquele que se expressa numa língua pudesse ser edificado, mesmo quando não entende o que fala, não poderia a congregação esperar ser edificada da mesma forma? Se as sensações associadas à articulação de sons como '*quesrylespoyou*' [ou, para contextualizar, '*alabacanta alabachéia*'] têm o poder de edificar o orador, por que essas mesmas sensações vibrantes não poderiam ter o mesmo efeito edificante nos ouvidos do ouvinte?

Mas um auditório não é edificado nem sequer um pouquinho, não importa quão zeloso seja o orador, se a mensagem é ininteligível. Paulo deixa isso bem explícito. Ninguém é edificado quando ninguém entende (1 Coríntios 14.2). A edificação através de um dom verbal é intrinsecamente associado à compreensão da mensagem.

De acordo com este princípio, deve-se concluir que as línguas edificavam quando comunicavam a verdade divina, primeiro ao orador, e então ao ouvinte. À parte da compreensão não havia edificação alguma. Era a experiência revelacional da verdade de Deus diretamente ao que falava em línguas que o levava a ser edificado. A experiência daquele que falava línguas era uma experiência revelacional, através da qual Deus lhe comunicava conhecimento que tinha o efeito de edificá-lo.

Neste ponto é essencial que focalizemos detidamente 1 Coríntios 14.14. Pois aparentemente Paulo contradiz este princípio quando diz: “Porque se eu orar em língua, o meu espírito ora, sim, mas o meu entendimento fica infrutífero”. Esta afirmação pode parecer indicar que alguém que ora em língua não consegue entender o que ele está dizendo. Pode parecer que Paulo esteja asseverando que seu ‘espírito’ não-racional se expressa com total eficiência quando fala em línguas. Mas sua ‘mente’ é ‘infrutífera’, o que parece indicar que ele deixa de entender as palavras que ele mesmo tem proferido em línguas.

Entretanto, essa compreensão superficial da frase repousa numa falsa dicotomia entre o ‘espírito’ e a ‘mente’ humanos, da forma como esses conceitos aparecem nas Escrituras do Novo Testamento. O ‘espírito’ (*pneuma*) e a ‘mente’ (*nous*) não podem ser separados tão radicalmente um do outro. Um exemplo da intimidade de sua interoperação pode ser ilustrada à luz de um incidente na vida de Cristo. Alguns de seus oponentes começaram a “arrazoar em seus corações” que ele [Cristo] estava blasfemando (Marcos 2.6). Mas Jesus “percebeu em seu espírito” o que estavam arrazoando (Marcos 2.8). O termo ‘percebeu’ deriva da mesma raiz para ‘mente’ (*nous*), como é encontrado em 1 Coríntios 14.14; enquanto que o termo ‘espírito’ (*pneuma*) é a segunda palavra encontrada no mesmo versículo em 1 Coríntios. De acordo com o Evangelho, Jesus possuía ‘conhecimento racional’ em seu ‘espírito’, o que claramente indica que o ‘espírito’ não contém simplesmente o lado emocional do homem. ‘Mente’ e ‘espírito’ no homem se comunicam entre si. É uma falsa dicotomia, contrária ao ensino bíblico acerca do homem, pressupor que o ‘espírito’ (*pneuma*) do homem é um aspecto irracional, puramente emocional, do homem, enquanto que sua ‘mente’ (*nous*) tem a ver com sua capacidade de raciocínio.

Quando Paulo diz: “meu espírito ora” (1 Coríntios 14.14), ele quer dizer que dos recessos de sua alma ele oferece orações a Deus. Mas esse orar “em seu espírito” não é destituído de plena percepção racional. Em decorrência dessa percepção [racional] quando ora, ele é edificado. Ao mesmo tempo, porém, sua “mente”, esse instrumento pelo qual ele pode formular seus pensamentos com o propósito de comunicá-los a outrem, permanece ‘infrutífera’. Não produz fruto. Ninguém mais na assembléia é edificado com ele, porque ninguém mais entende o que ele está falando em língua. Ele é suficientemente edificado. Mas nenhum outro é edificado, porque seus pensamentos não lhes estão sendo comunicados

de uma forma que possam entender. Ninguém mais pode juntar-se em sua oração, porque ninguém mais entende a mensagem de sua 'língua'. Mas se a mensagem inspirada de seu espírito é traduzida num idioma conhecido pelo povo, então eles também poderão ser edificados juntamente com o orador.

Tal compreensão do versículo 14 encontra forte confirmação nos versículos imediatamente seguintes. Diz Paulo àquele que possui o dom de línguas:

“Se você estiver louvando a Deus em espírito, como poderá aquele que está entre os não-instruídos dizer ‘Amém’ à sua ação de graças, visto que não sabe o que você está dizendo? Pode ser que você esteja dando graças muito bem, mas o outro não é edificado” (1 Coríntios 14.16-17, NIV).

Se se presume que um *orador* pode dar graças “muito bem” sem mesmo entender o que ele está dizendo, não poderia o *ouvinte* igualmente participar da ação de graças em seu coração sem jamais entender o que o orador pode estar dizendo?

Seria muito mais consistente com o verdadeiro método de edificação através de um dom verbal concluir que aquele que se expressava em língua entendia o que dizia, visto que dava graças devidamente. Mas o ouvinte não podia juntar-se a ele, visto que não entendia.

Tem-se suposto que a intenção de Paulo era descrever um dom verbal que edifica o orador a despeito de sua carência de compreensão, mas que o mesmo não pode edificar também o ouvinte. Todavia a evidência aponta em outra direção. O orador dá graças suficientemente bem porque ele entende sua mensagem divinamente inspirada, ainda quando ela lhe venha num idioma que jamais aprendeu. Mas a mensagem “não produz fruto” de santificação entre o auditório, porquanto ela não lhe é inteligível.

Tal perspectiva no versículo 14 pode ser apoiada por uma consideração adicional do versículo 5. Paulo diz: “pois quem profetiza é maior do que aquele que fala em línguas, a não ser que também interprete” (1 Coríntios 14.5). O enfoque é consistentemente formulado. Uma vez interpretadas, as línguas são *equivalentes* a profecia. Qual, porém, era a intenção de Deus na profecia? Por que ele instituiu essa forma de comunicação?

A intenção de Deus na profecia era comunicar a seu povo sua Palavra verbalmente inspirada, infalível e inerrante. Deus não deixaria por menos, visto que Ele queria que seu povo possuísse um seguro depósito da verdade. Da mesma forma, a intenção original de Deus ao inspirar urna pessoa para enunciar sua palavra em língua era dar expressão à sua Palavra verbalmente inspirada, infalível e inerrante. As línguas interpretadas podiam ser equivalentes a profecia inspirada, só porque as línguas propriamente ditas eram um dom revelacional. Ao falar em línguas, uma pessoa estava enunciando a própria Palavra de Deus, infalível e inerrante, em todas as suas partes.

A intenção original para as línguas só podia ser mantida se o dom de interpretação também fosse exercido como um dom equivalente em sua inspiração aos dons de línguas e profecia. Só uma tradução efetuada sob a direta

inspiração do Espírito Santo poderia reter o caráter verbalmente inspirado, infalível e inerrante da Palavra de Deus. Qualquer um que pretendesse uma tradução da Bíblia do grego para o inglês entenderia a necessidade de um dom inspirado, se a precisão e autoridade da Palavra original de Deus tinham que ser mantidas em absoluta perfeição. É evidente, à luz de 1 Coríntios 14.28, que aquele que falava línguas não tinha necessariamente o dom de interpretação – um dom que requeria uma exatidão que fosse além da compreensão do sentido da revelação possuída pelo que falava em línguas.

Nenhuma alegação poderia ser feita por algum tradutor da Escritura de que seu produto era idêntico com a Palavra de Deus verbalmente inspirada, infalível e inerrante como original mente transmitida, a menos que pudesse afirmar inequivocamente que Deus mesmo estivera inspirando direta e infalivelmente a transposição de um idioma para outro. Em qualquer caso, Paulo indica nesses versículos que as línguas interpretadas são equivalentes a profecia. Se a profecia é de caráter revelacional, e as línguas interpretadas são equivalentes a profecia, então as línguas devem também ser uma forma de revelação que Deus usou para sua igreja.

Por essa razão, se as línguas forem experimentadas hoje, não poderão ser consideradas em pé de igualdade com as línguas do Novo Testamento, afora o fato de abrir a porta para a revelação contínua além das Escrituras. O efeito de tal conclusão seria de mui longo alcance, e incluiria a introdução da questão que envolve a perfeição da revelação divina dada através dos apóstolos e profetas, designada por Deus a prover fundamento para a igreja que deve permanecer imperturbável ao longo da presente época.

2. AS LÍNGUAS NO NOVO TESTAMENTO ERAM IDIOMAS ESTRANGEIROS

Atos 2.6 torna o enfoque muito mais claro: “Cada um os ouvia falar em sua própria língua”. O testemunho ao longo do restante do livro de Atos não possui nenhum indicador que um tipo distinto de língua se manifestou na experiência da igreja após o Pentecostes. Ao contrário, a evidência apóia a continuação do mesmo tipo de ‘falar línguas’ segundo ocorreu no dia de Pentecostes. Em Atos 10, Pedro justifica o batismo dos gentios que falaram em línguas, pois, “como nós, receberam o Espírito Santo” (Atos 10.47). Ao reportar sua ação à igreja em Jerusalém, Pedro chama especial atenção para o mesmo ponto: “o Espírito Santo desceu sobre eles, como também sobre nós no princípio” (Atos 11. 15). A experiência com o Espírito Santo em Cesaréia correspondeu ao batismo do Espírito que viera sobre os apóstolos no dia de Pentecostes. Se o dom de falar em línguas, em Atos 2, envolvia falar num idioma estrangeiro nunca aprendido, então a mesma explicação se aplicaria à experiência de línguas como a manifestada entre os gentios de Cesaréia. À luz desse fato, pode-se presumir que a mesma explicação se aplicaria ao dom de línguas manifestado em Éfeso (Atos 19.7). Seria oportuno observar que a experiência de línguas em Éfeso ocorreu depois que Paulo visitou Corinto (cf. Atos 18.1-19). Enquanto que nenhuma descrição específica caracteriza o falar línguas em Éfeso, o uso de idioma idêntico utilizado para descrever o fenômeno em Éfeso, como fora utilizado em narrativas anteriores em Atos, consistentemente sugere que a natureza das ‘línguas’ em Éfeso correspondia às ‘línguas’ mencionadas por Lucas ao longo do livro de Atos.

Não se faz no livro de Atos qualquer menção de uma ocorrência de falar línguas em Corinto (cf. Atos 18.1-18). Mas de acordo com a Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, o fenômeno de línguas obviamente exercia um proeminente papel na vida de sua igreja.

Qual era a natureza desse fenômeno em Corinto? Pareceria deveras muito estranho se antes e depois de Corinto, como descrito em Atos, um só tipo de ‘língua’ se manifestasse, enquanto que em Corinto surgiu um fenômeno totalmente distinto – e isso sem qualquer indicação em Atos de uma suposta diferença. Em ambos, Atos e 1 Coríntios, usou-se a mesma terminologia. Atos 2.4 fala de ‘outras línguas’, e 1 Coríntios 14.21, semelhantemente, faz referência a ‘outras línguas’. O grego é quase idêntico em ambos os lugares, e pode-se traduzir ‘outros idiomas’ em cada caso. Além do mais, 1 Coríntios 14 emprega uma citação do Velho Testamento que claramente fala de idiomas estrangeiros para explicar o fenômeno em Corinto (1 Coríntios 14.21, cf. Isaías 28.11,12; Deuteronômio 28.49). Como resultado, pode-se concluir que, ou Paulo está fazendo uma aplicação de uma passagem do Velho Testamento que não é estritamente aplicável, ou que as línguas de 1 Coríntios 14 eram idiomas estrangeiros como antecipadas na passagem do Velho Testamento citada por Paulo. Ainda mais, as línguas de 1 Coríntios 14 eram traduzíveis, o que se sugere que eram idiomas estrangeiros. Ainda que fosse conclusivo que essas ‘línguas’ de 1 Coríntios eram ‘línguas dos anjos’, ainda seriam idiomas traduzíveis em [idiomas] humanos equivalentes.

Forte evidência cumulativa reforça a conclusão de que as línguas dos tempos do Novo Testamento, tanto em Atos como em 1 Coríntios, eram idiomas estrangeiros. O efeito dessa conclusão consiste em colocar uma grande porção da atividade moderna de falar em línguas fora da esfera de experiência válida desde o início do Novo Testamento. Seja o que for que está acontecendo hoje, ele não condiz com o tipo de experiência adorativa descrita pelas Escrituras do Novo Testamento.

Neste respeito, deve-se rejeitar um conceito que tem sido amplamente difundido em dias recentes, não por seus pontos iniciais, mas, antes, por sua inesperada conclusão. Tal ponto de vista particular começa afirmando que as línguas descritas no Novo Testamento eram para o uso público na igreja [o que é correto]. Além do mais é asseverado que as línguas de hoje devem ser consideradas como algo mais que o fenômeno de línguas descrito nas Escrituras do Novo Testamento.

Mas, na conclusão, se propõe que as línguas de hoje, ainda que não da mesma natureza das línguas do Novo Testamento, são, não obstante, um dom do Espírito para a igreja moderna. Ainda que admissivelmente não sejam as mesmas línguas do Novo Testamento, diz-se que exercem um papel relevante na vida do povo de Deus hoje. Por causa da agitação frenética da vida moderna, o Espírito de Deus dividiu esse meio pelo qual o cristão dos dias modernos, estressado, pode encontrar lenitivo emocional e psicológico. Através do ‘falar em línguas’, pode-se encontrar uma resposta às tensões associadas ao modo de vida no mundo de hoje.

Obviamente, tal conclusão não pode ser oriunda de uma exegese da Escritura, visto que a posição afirma que as línguas do Novo Testamento não são as mesmas ‘línguas’ dos dias modernos. Aliás, tem-se proposto que as assembléias públicas do povo de Deus sejam abertas a um fenômeno mais espetacular com base em observações psicológicas concernentes aos possíveis efeitos do falar em línguas. As línguas modernas são apresentadas como um elemento legítimo no culto de hoje com base numa hipótese sobre a maneira de Deus decidir aliviar os estresses emocionais especiais do mundo moderno.

Supõe-se, porém, que o apóstolo Paulo não era carente de alívio emocional das tensões associadas ao seu “cuidado por todas as igrejas” (2 Coríntios 11.28)? Concluir-se-ia que Martinho Lutero não carecia do ‘alívio psicológico’ que surge do dom supostamente moderno de línguas? Com reis e governadores procurando constantemente sua vida, Lutero teve uma situação menos agitada do que os cristãos do mundo moderno?

Muitas atividades podem funcionar como lenitivos psicológicos. Uma refeição fora, ver um vídeo, ou praticar um jogo de golfe, pode servir para elevar o espírito. No entanto, nenhuma dessas coisas seria considerada como um ‘dom’ do Espírito. Dons espirituais são administrações especiais do Espírito Santo pelas quais os membros do corpo de Cristo se nutrem e ministram uns aos outros. Sugerir que o moderno fenômeno de línguas não é da mesma natureza daquele do Novo Testamento, e todavia é um dom do Espírito para a igreja de hoje, poderia abrir a porta para quase qualquer tipo de fenômeno centrado na experiência.

Pareceria muito mais consistente com a evidência bíblica reconhecer que, em vista de as línguas do primeiro século serem idiomas estrangeiros, as línguas de hoje, que não parecem ser idiomas estrangeiros, devem ser consideradas como um fenômeno não endossado pelas Escrituras do Novo Testamento.

3. AS LÍNGUAS DO NOVO TESTAMENTO ERAM PARA USO PÚBLICO, NÃO PRIVATIVO

Todos os dons do Espírito visavam ao benefício da igreja de Cristo. Um 'dom' no Novo Testamento era concedido a um indivíduo para que ele proporcionasse uma bênção ao povo de Deus. Por meio de um 'dom' do Espírito, uma só pessoa é capacitada para ministrar a outras. Rudimentar a todo o conceito de dons está o fato de que eles não são para consunção privativa, e, sim, são dados visando à edificação do corpo de Cristo. Paulo diz:

“Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministério, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito para o proveito comum” (1 Coríntios 12.4-7).

É com esse discernimento em mente que Paulo procede a desenvolver a imagem da igreja como corpo. A cada parte do corpo é dado um ministério pelo qual possa auxiliar o resto do corpo. O olho impede o corpo de tropeçar. A boca fornece nutrição ao corpo. O ouvido ouve para o resto do corpo. Todos os diversos dons capacitam os membros do corpo de Cristo a ministrar uns aos outros.

Com este quadro amplo da natureza pública dos dons espirituais em mente, consideremos mais detidamente 1 Coríntios 14.18-19. Paulo diz:

“Dou graças a Deus, que falo em línguas mais do que vós todos. Todavia, na igreja, eu antes quero falar cinco palavras com o meu entendimento, para que possa também instruir os outros, do que dez mil palavras em língua”.

Ora, à primeira vista parece que Paulo pretende contrastar as línguas privativas com as línguas públicas. Acaso Paulo não está dizendo: “Dou graças a Deus, que [*privativamente*] falo em línguas mais do que vós todos, mas [*publicamente*], na igreja, eu antes quero falar cinco palavras com o meu entendimento, para que possa também instruir os outros”? O contraste entre palavras privativas articuladas em línguas e palavras públicas articuladas em profecia parece ser sublinhado por seu uso da frase ‘na igreja’ somente em conjunção com “palavras com o meu entendimento” de profecia.

Mas o intérprete deve prevenir-se quanto à introdução de palavras ou conceitos que não aparecem no texto original da Escritura. Como matéria de fato, a ordem das palavras do versículo 18, no idioma original, salienta claramente o verdadeiro contraste pretendido por Paulo nesses versículos. Não é um contraste entre alocações privativas e públicas. Aliás, Paulo está contrastando sua experiência em falar em línguas, no progresso do reino de Cristo em geral com, a prática daqueles que eram por demais desejosos de

promover línguas na igreja de Corinto. “Falo em línguas”, diz ele, “mais do que todos vós”. A ênfase de Paulo é realçada pela ordem de suas palavras. “Em relação a todos vós, falo mais em línguas” (v. 18). A comparação é entre Paulo e os [membros] da igreja de Corinto que se mostravam tão interessados em promover o falar em línguas. Talvez para a surpresa deles, Paulo afirma que ele fala em línguas mais do que todos eles.

Então, no próximo versículo ele introduz seu contraste. “Todavia, na igreja, eu antes quero falar cinco palavras com o meu entendimento” (v. 19). Este, pois, é o contraste de Paulo. Não é um contraste entre línguas privativas e profecia pronunciada na igreja. Ao contrário, o contraste é entre línguas, quando se relacionam com aqueles que estão promovendo línguas entre os coríntios, e línguas, quando se relacionam com a igreja como um todo. Paulo diz: “Em relação a vós, meu registro é óbvio. Reconheçam este fato. Não discuto sobre falar em línguas, como se nada soubesse acerca do assunto, pois tenho falado em línguas mais do que todos vós. Meu conhecimento sobre falar em línguas é de primeira mão. Mas, com referência à igreja, preferiria falar claramente, num idioma que edifique. Conquanto, como matéria de fato, eu fale em línguas mais do que todos vós, minha preocupação é com a edificação”.

Eis o contraste nos versículos 18 e 19. Não se faz qualquer menção de línguas privativas em contraste com línguas públicas. Pois línguas no Novo Testamento nunca se destinavam à consunção privativa. Como todos os demais dons do Espírito, as línguas se destinavam a todo o corpo. Com esta perspectiva em vista, torna-se claro, a princípio, que a vasta maioria da atividade de falar em línguas, hoje, não pode ser a mesma do Novo Testamento. As línguas privativas não são as línguas do Novo Testamento. Se línguas são um dom para a igreja, elas devem ser pronunciadas em público para que a igreja seja beneficiada.

O endosso da idéia de um dom ‘privativo’ de línguas pode levar a uma situação peculiar. Suponha-se que um homem declare sua consciência da vocação para o ministério. A igreja responde, indicando seu desejo de testar seus dons. Ele afirma que em seu juízo ele tem o dom da pregação; então a igreja põe à prova esse dom. Ele diz que sente em si mesmo o dom da administração. Então a igreja testa esse dom.

Mas, e se esse candidato para o ministério do evangelho declarar que tem também o dom de línguas? Terá a igreja também de testar esse dom? Ou se concluirá que as línguas se constituem num dom privativo, e, portanto não pode ser testado? Estranha, sem dúvida, seria tal circunstância. Uma pessoa conclui que possui um dom destinado ao corpo, e, no entanto, seu dom não pode ser testado. Cada um dos demais dons do Espírito deve ser testado publicamente pela igreja. Mas uma categoria de dons está sendo introduzida, a qual não pode sujeitar-se ao teste dos irmãos. Tal espécie de circunstância na igreja seria deveras estranha.

Ainda outro versículo deve ser cuidadosamente analisado em referência à possibilidade de dons ‘privativos’ na igreja. Porquanto 1 Coríntios 14.28

declara que, se não estiver presente nenhum ‘intérprete’ para fornecer o significado de uma alocução proferida em língua, então o orador deve manter-se em silêncio na igreja, e que “fale consigo mesmo e com Deus”. Porventura essa declaração não parece endossar um dom privativo, que não é exercido publicamente na igreja?

Se focalizado por um certo prisma, este versículo admissivelmente pareceria endossar a privatização do dom de falar em línguas. Se nenhum intérprete está presente, o falar em línguas passa a ser “falar consigo mesmo e com Deus”.

Uma análise mais detida, porém, parece não emprestar apoio a essa posição. Pois toda a essência da passagem consiste em prover o devido controle dos dons em sua função na igreja. “Dois, ou quando muito três”, falariam em línguas, e alguém deveria interpretar (v. 27). De maneira similar, “dois ou três profetas” falariam, e os demais discriminariam (v. 29). Todo o contexto trata do ordeiro funcionamento dos dons no seio da assembléia. No contexto desta precisa discussão, Paulo enfatiza que aquele que fala em línguas, sem um intérprete, deve permanecer em silêncio, falando consigo mesmo e com Deus (v. 28). As duas ações são simultâneas. Enquanto se controla até que um intérprete esteja presente, ele fala consigo mesmo enquanto se comunica com Deus.

A questão não é se o dom de línguas deve ser exercido em privativo ou em público. Ao contrário, a questão é a respeito de quando o dom de línguas pode ser exercido na assembléia, e a resposta é que as línguas só podem ser exercidas propriamente na igreja quando um intérprete estiver presente. A luz do comentário no versículo 31, de que “todos poderão profetizar” no devido tempo, pode-se presumir que o mesmo princípio valeria para as línguas. Tão logo um intérprete esteja presente, a alocução pode ser proferida. No ínterim, porém, aquele que fala em línguas deve demonstrar paciência na assembléia, justamente como o profeta. Pois os espíritos dos profetas estão sujeitos ao total controle dos profetas.

Em qualquer caso, o contexto pressupõe o exercício público dos dons. Os dons verbais de línguas e profecia se destinam a toda a comunidade, não simplesmente para o exercício individual em privativo. Uma pessoa pode justificar o exercício privativo de ‘línguas’ a partir da experiência pessoal. Ela pode testificar do fato de que extrai grande alívio das tensões através de expressar suas vocalizações em oração ao sabor de seu procedimento racional. Sua oração em línguas é para ele um ‘dom’ da parte de Deus que o auxilia a competir com a vida moderna.

Mas, afinal, a experiência deve ser julgada pela Escritura, e não vice-versa. É possível que os gemidos em oração às vezes expressem emoções tão profundas que não sejam facilmente formuladas em expressões racionais. Contudo esses tipos de experiências não devem ser identificados com as línguas do Novo Testamento, a menos que um convincente argumento exegético venha a estabelecer essa questão.

4. AS LÍNGUAS NO NOVO TESTAMENTO ERAM UM SINAL

As línguas serviam como sinal da parte de Deus concernente ao cumprimento de profecias particulares acerca de uma dramática mudança na direção do procedimento de Deus para operar no mundo. Deus não costuma surpreender amiúde seu povo com algo totalmente inusitado. Ele o prepara para que possa entender o que [Deus] está para fazer. Este princípio rudimentar acerca do método de Deus operar no mundo se aplica à manifestação do dom de línguas nos tempos do Novo Testamento. Profecia e cumprimento, preparação e realização operam conjuntamente para a edificação e iluminação do povo de Deus.

Certo presbítero de uma igreja da periferia de Chicago, Illinois, fazia vôo acrobático como ‘hobby’. Fazer um passeio com um piloto fazendo acrobacia pode ser muito divertido, contanto que você esteja devidamente preparado.

“Quer dar um passeio comigo?”

“Certo, subamos! Só que não me surpreenda com algumas manobras inesperadas”.

“Muito bem, comecemos com uma pequena acrobacia. Mas esteja preparado. Você vai experimentar um certo fator ‘G’ – um arranco ‘gravitacional’. Você se sentirá como se sua pele estivesse sendo puxada de um lado para outro do contorno esquelético de seu rosto. Eis o fator ‘gravidade’”.

Em seguida ele anuncia o ‘martelo’. Nessa manobra, o nariz do avião aponta diretamente para cima. O avião sobe para o céu até que a gravidade subjuga a força propulsora da máquina. Quando o motor começa a morrer, o avião se precipita de viés. Sua esperança é que a máquina pegará de novo quando você mergulhar de ponta. Eis o vôo acrobático. Uma vez você esteja devidamente preparado para as diversas manobras, então não terá problema algum.

De uma forma muito mais razoável, Deus prepara seu povo para o que está por vir na esfera da redenção. Ele não alarma seu povo com surpresas. Deus não introduziu repentinamente o fenômeno de línguas como algo totalmente novo no dia de Pentecostes. As profecias do Velho Testamento determinam o estágio para as línguas que ocorreriam no futuro.

Já observamos a referência de Pedro à profecia de Joel no dia de Pentecostes (Atos 2.16-21). Quando os doze apóstolos começaram a falar em línguas, eles nunca haviam estudado. Pedro afirmou que estavam cumprindo a profecia de Joel. Joel havia preparado o povo de Deus para aquele momento, declarando que nos últimos dias Deus derramaria seu Espírito sobre toda carne. Ele profetizou que os filhos e filhas *falariam em línguas*.

É isso mesmo que Joel disse?

Não, não é isso que ele disse.

O que disse então? Disse que os filhos e filhas *profetizariam*. Todavia, o Pentecostes é claramente caracterizado como o grande dia de falar *em línguas*.

Teria Pedro pervertido a Escritura? Teria ele torcido a profecia de Joel para fazê-la dizer o que ele queria ouvir?

Não, é claro que não. Mas sua aplicação da profecia de Joel às ‘línguas’ aponta para uma compreensão básica da natureza das línguas. As línguas devem ser consideradas como um subestabelecimento da profecia. Portanto, a predição de Joel sobre a profecia nos últimos dias forneceu alguma preparação para o fenômeno das línguas. À luz da aplicação que Pedro fez das palavras de Joel no dia de Pentecostes, torna evidente que as línguas são uma forma de profecia.

Mas ainda mais relevante para a compreensão da natureza básica das línguas é a citação de Isaías feita pelo apóstolo Paulo em 1 Coríntios 14.21. Sua citação veterotestamentária realmente é uma referência a ‘outras línguas’.

As ‘línguas’ são mencionadas explicitamente no Velho Testamento não menos que três vezes. Três diferentes autores em três diferentes livros do Velho Testamento explicitamente profetizam sobre as línguas. Em cada caso, as Escrituras veterotestamentárias indicam que as línguas são um sinal da maldição pactual para Israel.

Paulo cita uma dessas profecias sobre as línguas em 1 Coríntios 14.20-22. “Irmãos, não sejais meninos no entendimento; na malícia, contudo, sede criancinhas, mas adultos no entendimento” (1 Coríntios 14.20). As pessoas em Corinto estavam agindo infantilmente em sua atitude para com o dom de línguas. Faziam uso desse dom, dado por Deus como se o mesmo fosse uma diversão. Não se preocupavam se os outros entendiam ou não o significado da língua.

Paulo diz: “não sejais meninos”. Aos dois anos de idade uma criança pode espremer a comida com sua mão fechada e comer os restos que saem por entre seus dedos. Mas vai chegar o momento em que a criança necessita de deixar de ser criança. Da mesma forma um dom de Deus pode ser usado de forma infantil. Paulo insta com os coríntios que parassem de ser infantis em seu falar em línguas. Ele baseia sua admoestação numa passagem do Velho Testamento que fala sobre ‘outras línguas’. Diz ele:

“Pois está escrito na Lei: Por meio de homens de outras línguas e por meio de lábios de estrangeiros falarei a este povo, mas, mesmo assim eles não me ouvirão, diz o Senhor” (1 Coríntios 14.2 1, NIV).

Com esta citação de Isaías 28, Paulo põe o falar em línguas no contexto da história da redenção. Ele demonstra um acurado entendimento do contexto de sua citação. O profeta perguntara: “Ora, a quem ensinará ele [Deus] o conhecimento? E a quem fará entender a mensagem” (Isaías 28.9a). Então o profeta responde à sua própria pergunta: “aos desmamados, e aos arrancados dos seios” (Isaías 28.9b).

O povo de Deus dos dias de Isaías antecipara o problema da infantilidade que era tão óbvia para Paulo entre os coríntios, em seu uso dos dons espirituais. O profeta então pinta com vivas cores o método rudimentar no qual a instrução tinha que ser comunicada por parte do Senhor a seu infantil povo:

“Pois é preceito sobre preceito, preceito sobre preceito; regra sobre regra, regra sobre regra; um pouco aqui, um pouco ali” (Isaías 28.10).

Diante de sua infantilidade, Deus deve falar a seu povo como a crianças. Uma regra aqui, um mandamento ali. “Não corra pela rua. Ponha o guardanapo no colo. Vá arrumar sua cama”.

Então o profeta pronunciou o juízo divino sobre o povo em decorrência de sua insensatez: “Na verdade por lábios estranhos e por outra língua falará a este povo” (Isaías 28.11). Se você não ouvir a clara palavra de Deus em sua língua materna, então Deus lhe falará através de um idioma estrangeiro. Ele lhe falará para que ouça palavras da forma como crianças ouvem a conversação do mundo adulto. Se você pretende agir como criancinha, então Deus lhe falará como se você fosse criancinha.

A criancinha se senta no meio do assoalho com seus bolinhos e leite. Ela come seus bolinhos e derrama seu leite no assoalho. Mamãe retorna à sala. Então começa conversar com a criancinha. O que é que a criancinha ouve? Ela apenas ouve sons como bla-bla-bla-bla. Visto que a criancinha não pode entender a linguagem de um adulto, ela ouve as palavras de sua mãe como se fossem meros balbucios.

Mais particularmente, porém, a criancinha ouve palavras de juízo. Isaías diz que as ‘línguas’ de estrangeiros representarão a chegada do juízo divino para Israel. Quando a nação empedernida ouviu os homens que invadiriam sua terra falando em linguagem estranha, deveria reconhecer em tal fato um sinal de que Deus trouxe seu juízo sobre eles por meio de um exército estrangeiro. O exército dos ‘babilônios balbuciantes’ representa para Israel o retomo do juízo que antes trouxera a confusão das línguas na torre de ‘Babel’.

Mas no oitavo século Isaías não era o primeiro a falar de línguas estranhas como sinal do juízo para o povo de Deus. Recuando ainda mais ao tempo de Moisés, as línguas estranhas representavam a chegada do juízo divino. Uma das mais terríveis passagens da Escritura descreve as maldições do pacto que viria sobre um Israel desobediente. Entre essas maldições que com certeza cairiam sobre o transgressor do pacto estava a seguinte:

“O Senhor levantará contra ti de longe, da extremidade da terra, uma nação que voa como a águia, nação cuja língua não entenderás” (Deuteronômio 28.49).

Neste contexto profético, cuja data recua aos dias de Moisés, a significação das línguas é clara. As línguas servem como um sinal de que o juízo chegou para Israel. A ameaça de maldições pactuais deve cumprir-se, porque Israel fracassará em dar ouvidos à Palavra de Deus. Essa mesma mensagem ecoa uma vez mais

cento e cinquenta anos depois de Isaías, nos dias de Jeremias. De Moisés a Isaías e a Jeremias, a significação das línguas para a profecia do Velho Testamento é a mesma.

Jeremias viveu nos dias da conquista babilônica da Palestina. O profeta antecipa o juízo que foi cair em seus dias:

“Eis que trago sobre vós uma nação de longe, ó casa de Israel, diz o Senhor: é uma nação durável, uma nação antiga, uma nação cuja língua ignoras, e não entenderás o que ela falar” (Jeremias 5.15).

Uma vez mais as línguas servem como um sinal de juízo pactual sobre uma nação desobediente. Quando os ‘babilônios balbuciantes’ invadirem a Israel, falando seu estranho dialeto, então o povo do pacto divino saberá que o juízo enfim chegou para ele.

E assim a Escritura apresenta um testemunho unificado acerca da significação das línguas. As profecias do século quinze a. C., do oitavo século a. C. e do sexto século a. C., todas unidas, fazem o mesmo enfoque. Quando as línguas estranhas invadirem Israel, serão um sinal de que o juízo divino chegou.

À luz desse contexto mais amplo do Velho Testamento, acerca de profecias específicas concernentes a línguas, a explicação que Paulo faz da passagem de Isaías se torna mais inteligível. “De modo que as línguas”, diz ele, “são um sinal” (1 Coríntios 14.22). As línguas são um sinal, e um sinal não deve ser considerado como um fim em si mesmo. Um sinal aponta para algo mais. Um sinal serve como um indicador, realçando outro objeto de muito maior valor. Um sinal pode indicar uma mudança de direção na estrada adiante. Pode indicar uma curva na estrada, que forçará a alguém a dirigir-se para uma outra direção. Nesse caso, as línguas funcionam como um sinal na história da redenção, indicando que Deus está fazendo uma mudança.

Qual seria a mudança que Deus estava fazendo quando introduziu as línguas no início da era do novo pacto? Deus estava indicando que não maisalaria um único idioma a um único povo. Pelo menos, desde o tempo de Moisés, ele falou um só idioma a um só povo. Mas agora, através do dom de línguas no Pentecostes, Deus indica que pretende falar em muitos idiomas a muitos povos. Ele falará em todos os idiomas do mundo, a todos os povos da terra.

As línguas, portanto, marcam um ponto de drástica mudança na direção da obra de Deus no mundo. Em contrapartida, as línguas significavam um juízo distintivo para Israel. Jesus fala desse mesmo juízo, quando diz: “Portanto eu vos digo que vos será tirado o reino de Deus, e será dado a um povo que dê os seus frutos” (Mateus 21.43).

Quando o povo de Israel ouviu as línguas estranhas dos babilônios, pelas ruas de Jerusalém, estavam experimentando o cumprimento das profecias de outrora. Haviam persistido demais e por demasiado tempo na rejeição das palavras proferidas tão claramente por Deus.

De uma forma similar, as línguas estranhas faladas no dia de Pentecostes eram um sinal de maldição pactual para Israel. Deus não mais lhes falaria exclusivamente em contraste com todas as nações do mundo. Ao mesmo tempo, porém, as línguas no Pentecostes serviram como um sinal da imensurável bênção divina direcionadas a todas as nações do mundo, inclusive Israel. As línguas foram um sinal da extensão da bênção do pacto a todas as nações do mundo. Pois ao tempo que tirava o reino aos judeus, ele também enxertava os crentes no reino, dentre aqueles que haviam sido afastados, por sua misericórdia e graça.

Por essa razão, as línguas seriam vistas como um dramático sinal, num mesmo ponto específico, na história redentiva. Elas marcaram a transição para um evangelho verdadeiramente mundial. Por essa razão, as línguas exerceram um relevante papel na história da redenção.

Inerente à natureza de um sinal, porém, é seu caráter temporariamente limitado. Um sinal a marcar uma curva na rodovia não é mais necessário a um viajante depois que a mudança de direção tenha sido feita. O viajante não apanha o sinal para levá-lo consigo. Uma vez tenha-se completado a conversão, o sinal também terá completado sua utilidade.

Algum dia o mundo pode ter presumido que o cristianismo era uma religião judaica. O cristianismo começou com um Messias judeu e doze apóstolos judeus. Mas Deus deu ao mundo um indicador, na época fundamental dos apóstolos que fizeram bem claro que qualquer pessoa de qualquer nação que invocasse o nome do Senhor podia participar, juntamente com Israel, das bênçãos do reino messiânico. Deus falou através de muitos idiomas para que todo o mundo pudesse ouvir. Os gentios tanto quanto os judeus tiveram a oportunidade de entender em sua própria língua que também eles estavam sendo convidados a participar do reino de Cristo.

As línguas ilustraram dramaticamente o caráter universalístico do cristianismo. Deus não mais se limitava a um só povo. Suas portentosas obras podiam ser ouvidas em todas as línguas do mundo. As línguas eram um sinal dramático de uma mudança de direção. O cristianismo não era mais uma religião exclusivamente 'judaica', a despeito de suas origens claramente judaicas.

Outrora era óbvia a necessidade de um sinal para indicar o caráter universalístico do cristianismo. Quem hoje, porém, correria o risco de confundir o cristianismo com uma religião 'judaica'? A necessidade de um sinal de transição não mais existe. Através do dom de línguas Deus fez óbvio a todos que ele já deixou de falar um só idioma ao mundo e passou a falar todos os idiomas do mundo a todos os povos do mundo.

As línguas são um sinal, um sinal que não mais é necessário. Aliás, em seus dias elas também serviram ao propósito de ser um método de revelação. Pois as línguas interpretadas eram equivalentes a profecia. Eram as próprias palavras de Deus que, quando corretamente entendidas, podiam edificar a igreja. Mas assim como a igreja não mais necessita de um sinal que estabeleça seu caráter todoabrangente, assim tampouco a igreja necessita da revelação da nova verdade

divina que as línguas puderam fornecer. Nem mais necessária é a palavra profética, visto que a plenitude da palavra profética tem sido preservada na Escritura.

Tampouco a igreja necessita do pseudopofetismo, nem das pseudolínguas. Não se necessita de nenhum desvio da cristalina declaração do mistério divino que agora é revelado em toda a sua plenitude. A única coisa de que a igreja e o mundo necessitam hoje é da fiel proclamação da Palavra de Deus a nós legada desde os tempos de outrora. Não se necessita de nada mais.

Essa contínua necessidade para a clara proclamação da Palavra profética agora encontrada na Escritura é realçada por Paulo quando prossegue sua explanação do fenômeno das línguas como predito no Velho Testamento. “De modo que as línguas são um sinal, não para os crentes, mas para os incrédulos” (1 Coríntios 14.22). As línguas claramente indicam o juízo divino sobre os incrédulos. Se o Senhor trouxe tal juízo devastador ao seu povo do antigo pacto quando os babilônios provocaram Israel, então ele seguramente trará um juízo final ainda de maiores proporções sobre todos aqueles que ouvem e rejeitam a mensagem graciosa do novo pacto. Esse juízo sob o novo pacto foi demonstrado a todos quando, pelo dom de línguas, Deus deixou de falar num só idioma a um só povo, e drasticamente demonstrou suas intenções ao falar muitos idiomas a muitos povos.


Mas o evangelho do novo pacto não pode deixar de comunicar um símbolo do justo juízo de Deus. Ele deve avançar para a clara proclamação da mensagem de salvação em palavras planejadas para levar os homens ao arrependimento. E assim Paulo continua. A assembléia de cristãos não deve repousar satisfeita com a manifestação do dom de línguas, o sinal de juízo destinado aos incrédulos. Se o incrédulo deverá ser convencido de que é um pecador, os oradores no seio da assembléia devem avançar das línguas para a profecia (1 Coríntios 14.24). Então os segredos de seu coração virão a lume, ele se prostrará e adorará a Deus e perceberá a presença de Deus no meio de seu povo (1 Coríntios 14.25). É a profecia, e não as línguas, que finalmente transformará os incrédulos em crentes (1 Coríntios 14.22b).

Por essa razão, a profecia (em sua forma final e escrita) continuará seu papel ativo na vida da igreja ao longo do presente século. Até que Cristo volte em glória, a “mais firme palavra profética” encontrada na Escritura serve à igreja como o instrumento divino para convencer e converter os pecadores (2 Pedro 1.19). É, essa Palavra viva e poderosa, espada de dois gumes, que penetra ao ponto de dividir alma e espírito, e é capaz de discernir os pensamentos e intenções do coração (Hebreus 4.12).

5. CONCLUSÃO

As línguas, como no caso de todas as demais operações de Deus no mundo, encontram sua relevância quando devidamente localizadas na história da redenção. A experiência de quebrar as barreiras da igreja apostólica no Pentecostes lhe permitiu proclamar o evangelho em todos os idiomas do mundo. Quando visto em seu cenário histórico único, como um sinal de transição para um evangelho todo-abrangente, as línguas transmitiram maior glória ao evangelho universal. Enquanto as línguas serviram como um sinal, o papel mais amplo da profecia escrita agora deve-se permitir-lhe lugar permanente de contínua prioridade quando a igreja progride de século a século, proclamando a mensagem das Escrituras proféticas no poder do Espírito Santo aos homens de todas as nações.

SOBRE O AUTOR:

	<p>O. Palmer Robertson</p> <p>Doutor e Mestre em Teologia pelo <i>Union Theological Seminary</i>, Virginia, 1966 e 1963; professor de VT no <i>Knox Theological Seminary</i>, Flórida, desde 1996; foi professor de VT no <i>Westminster Theological Seminary</i> (1971-80); foi pastor da Igreja Presbiteriana Wallace Memorial em Maryland (1985-92). É autor de vários livros, entre os quais destacamos “O Cristo dos Pactos” (Editora Cultura Cristã), “O Israel de Deus” (Editora Vida) e “A Palavra Final” (Editora Os Puritanos).</p>
--	--

Fonte: Capítulo 2 do livro “*A Palavra Final: Respostas Bíblicas à Questão das Línguas e Profecias Hoje*”, de O. Palmer Robertson, Editora Os Puritanos, páginas 27-57.

Reproduzido no “*Monergismo.com*” mediante autorização escrita da Editora.

Adquira este e outros livros através do site <http://www.puritanos.com.br/>.